

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira¹

Giulia Bortoliero Coli Badini *

Resumo: Joel Rufino dos Santos escreveu uma série de cartas destinadas ao seu filho Nelson enquanto esteve encarcerado pelo regime militar brasileiro entre 1972 e 1974. Foi de dentro do Presídio do Hipódromo que Joel – pai, carioca, historiador, negro e militante – buscou, através de correspondências repletas de sentimentos, cores, lembranças, sonhos e histórias, manter contato e estar presente na vida do filho, numa tentativa de superar a distância e a ausência impostas. Por outro lado, as cartas também revelam as experiências traumáticas vividas no cárcere, de maneira que em certos momentos o tom otimista dá lugar à angústia causada não apenas pela separação já mencionada, mas também pela experiência da tortura e pela incerteza em relação ao seu futuro. O conjunto de correspondências contribui assim para a consolidação de uma memória tanto individual quanto coletiva sobre a ditadura militar brasileira, uma vez que é fruto das impressões particulares de Joel Rufino dos Santos acerca do momento vivido, e estas, por sua vez, certamente se associavam às dos indivíduos que direta ou indiretamente também sofreram com a repressão. Há ainda outra importante dimensão nas correspondências escritas pelo preso político: a da resistência. Através delas, é possível reconhecer a trajetória de luta de Joel Rufino dos Santos enquanto intelectual e militante negro e da esquerda armada, contra o regime militar brasileiro dentro e fora do cárcere.

* Graduação em História em andamento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Contato: giulia.badini@usp.br

¹ Agradeço à Professora Doutora Antonia Terra de Calazans Fernandes, que me guiou na pesquisa de Iniciação Científica da qual este artigo é resultado. Agradeço também aos membros do grupo de estudos do Laboratório de Ensino e Livro Didático (LEMAD-USP), pelo apoio e pelas críticas construtivas

Palavras-chave: Cartas; Ditadura Militar Brasileira; Memória; Resistência.

Introdução

Joel Rufino dos Santos nasceu no ano de 1941 no subúrbio do Rio de Janeiro, em Cascadura. Filho de Antônio Rufino, operário, funcionário do antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Marítimos, sindicalista e membro do Partido Comunista Brasileiro, e da pernambucana Felicidade Flora dos Santos, semialfabetizada e evangélica. Teve uma infância marcada pelo futebol, pelo samba e pelos livros, como ele mesmo diz em entrevista ao Instituto de Estudos Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas:

“Sempre me interessei por poucas coisas, futebol, livros, samba, e minha infância foi isso. Jogava bola o dia inteiro. Se alguém me chamasse: ‘Ah, vai lá em casa!’, perguntava: ‘Tem bola lá?’. Uma obsessão por futebol que se manteve por toda a vida. Uma paixão, digamos assim. As brincadeiras de criança, eu pouco fiz. Meu negócio era bola, dormia com ela. E samba, que minha mãe, como crente, não deixava, mas aí tinha aquele negócio de dar a volta, né?! Ir a escola de samba sem ela saber, sair no bloco sem ela saber... E livros. Desde menino, compensei muita coisa por meio.” (SANTOS, 2000: 21)

Ingressou no curso de História da antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil após ter lido a obra *Introdução à Revolução Brasileira*, escrita por Nelson Werneck Sodré, a qual, segundo Joel Rufino, teria mudado sua vida “porque eu amava Literatura e o livro do Sodré, pela primeira vez, conectava a Literatura com a evolução geral do país” (SANTOS, 2010: 22). Na Faculdade teve contato com o mestre Nelson Werneck, que o convidou para ser seu assistente no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o que lhe proporcionou uma série de oportunidades, dentre elas a de participar da produção da coleção de livros didáticos *História Nova do Brasil*, censurada pelo regime militar.

Neste período, Joel Rufino dos Santos já se tornara um alvo da ditadura militar, e sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro e o engajamento em projetos como a coleção de livros didáticos contribuíram para que seus passos fossem seguidos de perto pelos mecanismos de repressão. Além disso, ainda que nessa época não fosse filiado a nenhum

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira dos movimentos negros que se consolidavam – o que ocorreria apenas no final da década de 1970, quando se juntou ao Movimento Negro Unificado –, Joel Rufino dos Santos compartilhava de seus discursos de afirmação de uma identidade e consciência negra. Assim, reafirmava a educação que recebera em casa quando relembra o seguinte ensinamento de sua mãe, que se passou nos tempos de colégio:

“Dessa época (talvez de um pouco antes) me veio uma lição anti-racista tácita de minha mãe. Ela não deixava, a mim e a meus irmãos, sairmos sujos ou rasgados de casa. Cheirava nossos sovacos, inspecionava roupa e sapato: - A única diferença entre vocês e os colegas é se estiverem sujos e rasgados.” (SANTOS, 2008: 128)

Com a instauração da ditadura militar no Brasil no ano de 1964, Joel Rufino dos Santos foi expulso da Faculdade e perseguido, o que resultou no seu exílio, assim como no de outros envolvidos no projeto *História Nova do Brasil*, sob a acusação de subverterem a ordem. Sua carreira acadêmica foi interrompida e perdeu o nascimento de seu filho Nelson – que recebeu esse nome em homenagem ao grande mestre de Joel, Nelson Werneck Sodré –, quando estava no seu exílio na Bolívia e no Chile. Além do sentimento de que a luta não podia acabar, o nascimento do filho foi decisivo para que Joel retornasse ao Brasil, mesmo com os riscos que sua militância envolvia.

Ao voltar, passou por alguns Inquéritos Policiais Militares (IPMs), aparato repressivo instituído pelo regime, e foi preso pela primeira vez. Mudou-se para São Paulo em 1967 em busca de emprego, tendo como objetivo consolidar sua família e fugir das perseguições sofridas no Rio de Janeiro. Foi na capital paulista que criou uma identidade fictícia para poder lecionar História em cursinhos pré-vestibular.

No entanto, foi o apoio de Joel Rufino à Aliança Libertadora Nacional (ALN) que resultou no seu período mais longo de prisão. Assim, em São Paulo, Joel passou por uma série de prisões, como o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações/ Centro de Operações de Defesa Interna), Dops (Departamento de Ordem Política e Social), Presídio Tiradentes e pelo Presídio do Hipódromo.

Foi no Presídio do Hipódromo que Joel Rufino esteve por mais tempo, entre 1972 e 1974. Desse cárcere escreveu cartas para seu filho Nelson, que se consolidaram enquanto memórias e mecanismos de resistência à ditadura militar brasileira.

Memórias individuais e coletivas

As cartas escritas por Joel ao seu filho Nelson apresentam um conjunto de memórias, ora individuais, ora coletivas. A emergência de lembranças determina os rumos da interlocução, e o conteúdo exposto nas cartas é fundamental não somente para a consolidação de memórias pessoais de Joel sobre o tempo em que passou na prisão, mas torna-se também material para a constituição de uma memória sobre o período do regime militar brasileiro.

Nesse sentido é possível retornar às cartas de Joel e observar que, pelo fato de serem constituídas por memórias, consolidam as identidades do remetente enquanto militante, pai, negro e historiador. Além disso, afirmam Joel Rufino dos Santos enquanto preso político, ao passo que evocam a memória do trauma, resultante das sessões de tortura às quais foi submetido antes de ser preso, do cárcere e da separação de familiares e amigos e da cidade do Rio de Janeiro. São memórias individuais de tom otimista, que se alternam com a tensão do momento vivido pelo remetente e a posição de desvantagem nas relações de poder, dado o contexto de derrota da luta armada.

A grande questão é a de quais memórias são evocadas por Joel, o porquê deste recordar constante, por exemplo, da cidade do Rio de Janeiro e de acontecimentos de sua infância. Sigmund Freud aponta o caráter seletivo da memória: não só nos lembramos das coisas de forma parcial, como também as memórias são evocadas a partir de estímulos externos, de maneira que escolhemos nossas lembranças. Assim, a memória, ao estar presente na formulação da subjetividade humana, adquire uma dimensão social e cultural. Neste caso, Freud, ao relacionar memória e subjetividade, aponta a memória não como o simples armazenamento de experiências disponíveis para serem retomadas a qualquer

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira momento, mas a memória enquanto inventiva, sendo assim capaz de instituir novos sentidos com base em materiais provenientes da experiência. (IBERTIS, 2005:16)

A partir das considerações freudianas sobre a memória, é possível perceber que as lembranças evocadas por Joel estão profundamente relacionadas à situação à qual ele estava submetido. As memórias não foram revisitadas ao acaso; o encarceramento, as incertezas relativas à sua liberdade e à distância de sua família e de seu local de origem foram preponderantes para a recordação de determinadas lembranças. A situação criativa relaciona-se ao fato de que Joel, por estar encarcerado, busca na consolidação de certas memórias o estabelecimento de um mecanismo de sobrevivência e pertencimento.

É fundamental no debate sobre memória a questão dos testemunhos, uma vez que reforça, completa ou enfraquece o que sabemos de um evento. Maurice Halbwachs desenvolve a ideia de que o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido se dissociado do contexto social, uma vez que este serve de base para a reconstituição da memória (HALBWACHS, 2006: 29). Assim, as lembranças individuais permanecem em certo sentido coletivas, tendo em vista que podem ser evocadas por outros, uma vez que nunca estamos sós, mesmo que os outros não estejam fisicamente presentes (HALBWACHS, 2006: 31).

Existência viva e ativa do passado, a memória coletiva se modifica continuamente. Halbwachs aponta que a recordação é em grande medida uma reconstrução do passado com o auxílio de dados recolhidos do presente, e que, conseqüentemente, a memória nunca será uma restituição idêntica do passado, mas sim uma reconstrução continuamente reiniciada do passado, em função do presente (GROPPO, 2002: 191-192)

Dessa maneira, tomando em consideração este aspecto da memória, é possível pensar nas lembranças evocadas por Joel não somente como consequência do contexto no qual ele estava inserido, como sugere Halbwachs, mas também como uma tentativa de se afirmar enquanto indivíduo. Assim, nas cartas, o remetente se volta constantemente para sua

infância e para momentos vividos no Rio de Janeiro, como apontam as seguintes passagens:

“Me lembrei que quando era menino, da sua idade, eu ouvia estórias da minha vó Maria. Quando você nasceu ela já tinha morrido, de forma que você não a conheceu. Era uma avó muito boa, mas muito misteriosa.

De noitinha, ela sentava numa cadeira de balanço. As crianças sentavam em volta, no chão. Ela então contava mil estórias. Só não contava estórias de assombração, pois ela própria tinha medo de coisas do outro mundo.” (SANTOS, 2000: 65)

“[...] E, dentro do Rio de Janeiro, sabe quais lugares que eu mais gosto? de Petrópolis, com sua calma, seu vento, seu céu bem alto, e, até, seus cemitérios.

de Botafogo, com suas montanhas azuis.

de Madureira, com seu povo na rua, pra lá e pra cá.

de Muriqui, com sua cachoeira de água fria, seu trem de madeira. E até seus mosquitos.” (SANTOS, 2000: 33)

Além disso, as lembranças de Joel Rufino se constituem também como um elemento importante na tentativa de estabelecer relações concretas com o filho e familiares. As recordações pessoais do autor são estimuladas pelo vínculo que busca estabelecer com seu filho, daí os constantes relatos sobre os momentos vividos ao lado da criança, como os seguintes trechos:

“Outro dia me veio uma ideia interessante: será que Nelsinho está satisfeito com o nome que demos a ele? Eu acho que deve estar, pois Nelson, é um belo nome, nome de herói, e, além disso, parece música: Nelson.

[...]

Quando você nasceu, alguém sugeriu de botar o nome de Rinsal (Rinsal foi um guerrilheiro espanhol que venceu muitos combates na guerra da Espanha). Eu fui logo contra. Quando você crescesse os outros meninos iam chamar você de Sonrisal, Já pensou?” (SANTOS, 2000: 71)

Testemunho do regime militar – a memória do trauma

As cartas escritas por Joel são constituídas não apenas pelas lembranças, histórias contadas e pelos desenhos feitos pelo remetente, mas também pelos traumas causados cárcere. Assim, a memória de Joel Rufino dos Santos torna-se coletiva ao que reflete a experiência coletiva de luta e resistência, marcada pelo trauma dos mecanismos de repressão

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira instituídos de maneira sistemática pelo Estado.

Não se pode perder de vista que o remetente era um preso político, encarcerado em função de ter sido militante da Aliança Libertadora Nacional, que naquele momento, com a morte do líder Carlos Marighella, entrara numa fase de desagregação. Dessa maneira, foi interrogado, submetido às sessões de tortura e por fim ao encarceramento, que resultaram numa experiência traumatizante e por isso dificilmente superada, mesmo após anos terem se passado, como diz Joel Rufino dos Santos:

“Tenho dificuldade em escrever sobre a prisão. Dúvidas enormes, medo de fantasmas, vergonha da autopiedade. *Memórias do cárcere* é um gênero esquivo. O sujeito conta vacilações, interjeições covardes, pedidos de clemência? Mostra apenas o lado forte, episódios em que honrou o povo, sofrimentos surdos nas mãos dos torturadores. A tortura, para quem a sofreu, é talvez inenarrável. Voltará em sonhos anos a fio, sem a dor, só o medo. Chuveiros elétricos lhe lembrarão a *maricota*, a maquininha de choque. Choro de criança, uma inscrição a canivete na porta da salinha de interrogatório: ‘Aqui é onde chora e filho não atende.’” (SANTOS, : 76)

Retomando as cartas escritas por Joel Rufino dos Santos, como aponta Rosana de Mont'alverne Neto, é importante levar em consideração a situação social na qual os discursos foram construídos. Segundo a autora, “trata-se de cartas escritas na prisão e, enquanto tais, trazem as marcas de enunciações de indivíduos em estado de privação de liberdade e possuidores de forte estigma social.” (NETO, 2009: 91). Surgem então as angústias de Joel Rufino em relação ao futuro, a ansiedade ao aguardar a decisão do juiz sobre sua soltura e momentos de tristeza, ao ser privado de estar ao lado de sua família. As seguintes passagens são algumas das que constituem uma memória do trauma:

“Há 4 dias estou pensando em escrever para vocês. Uma saudade forte e repentina de vocês dois mas, sempre, na hora de pegar a caneta – as canetas de todas as cores que Nelson me deu – desanimo. É que está chegando a hora de eu ir embora e quanto mais perto chega, mais eu só penso em ir.
[...]

A qualquer momento pode chegar o funcionário aqui, gritar: 'Seu Joel, pegue suas coisas...'" (SANTOS, 2000: 113)

"O sábado é o melhor dia, para todos nós. Pois é o dia em que recebemos visitas. Depois que as visitas vão embora, e a gente, sobe, cada um se enfia no seu mocó (se lembra o que é mocó? É cama). Cada um se enfia no seu mocó e fica muito quietinho relembando a cara das suas visitas. Então, de tarde, é aquele silêncio (ouve-se até o vôo de um mosquito)." (SANTOS, 2000: 51)

Há ainda outro importante aspecto sobre as cartas escritas por Joel que deve ser levado em consideração, que é o da configuração destas como um rico testemunho sobre o regime, dando voz não apenas àqueles que sofreram diretamente com o sistema opressor do regime, mas também àqueles que sofreram indiretamente, como seus familiares. Retomar as memórias de Joel conservadas nas cartas destinadas ao seu filho significa apreender as memórias de diversos atores explanadas por um único indivíduo, que influenciado por estas produz e reproduz suas próprias. Joel teve sua vida alterada em função do cárcere da mesma maneira que seu filho e muitos familiares também a tiveram. Essa memória coletiva é afirmada através, por exemplo, das passagens nas quais Joel Rufino dos Santos discorre sobre as viagens feitas pelo filho e por seus familiares com o objetivo de visitá-lo e sobre o dia do encontro, como as seguintes:

"Sua visita foi muito boa. Depois que você foi embora, eu continuei a pensar em você. Você almoçou bem? Gostou do almoço da Marly? Viajou direito, na volta? Gostou do cinto que eu fiz; e do colar, que os amigos fizeram?" (SANTOS, 2000: 51)

"Sábado que vem é dia 7. Parece que Lícia e Lília vêm me visitar. Telefone para elas e – se você estiver com vontade de vir – combine pra vir também. Eu estou esperando o meu filho adorado. Abraços em Dedé e em todos os nossos amigos." (SANTOS, 2000: 75)

A memória afirmada também se torna coletiva na medida em que as cartas abordam não somente a relação do indivíduo Joel com aqueles que sofreram indiretamente com o cárcere, seu filho e seus familiares, mas também daqueles presos com quem conviveu. Em dados momentos, as cartas escritas por Joel Rufino dos Santos apontam situações vividas de

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira maneira coletiva, como a relação entre os presos e o espaço físico da prisão e a maneira como estabelecem a convivência uns com os outros. Joel não aponta apenas suas dificuldades enfrentadas pela distância imposta de familiares, amigos e da vida fora da prisão, escreve também sobre aquelas enfrentadas pelos colegas de cárcere.

Gênero textual *carta pessoal*

O primeiro aspecto a ser levado em consideração com relação à utilização por Joel do gênero carta textual por Joel é justamente o fato de ele através de certos mecanismos específicos do gênero, permitir a consolidação do relacionamento interpessoal e afetivo entre locutor e interlocutor distantes entre si fisicamente. Para essa análise foi fundamental o trabalho de Jane Quintiliano Guimarães Silva intitulado *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*.

O gênero *carta pessoal ou familiar*, assim como tantos outros, é uma forma de produção da linguagem, que é concebida socialmente para responder às necessidades comunicativas de uma sociedade, estando portanto sempre situadas num contexto bastante específico. Além disso, é fundamental notar a constituição de redes comunicativas através da troca de cartas, de maneira que “a cada carta enviada e a cada carta recebida, vão-se formando pequenos elos de uma rede comunicativa, fundada entre os correspondentes, vinculada socialmente a uma rede comunicativa gigantesca e complexa” (SILVA, 2002: 63). Dessa maneira, afirma-se que este gênero está inserido numa situação comunicativa mediada pelas interações sociais e pelo saber-fazer coletivo.

No evento comunicativo das cartas pessoais, os próprios interlocutores explanam, discursiva e enunciativamente, os lugares sociais de onde falam. Isso ocorre, por exemplo, quando Joel inicia suas cartas com a saudação “Nelson, querido do papai” (SANTOS, 2000: 23) e despede-se como “O teu pai que gosta muito, muito de você” (SANTOS, 2000: 111). Além disso, através dessas expressões, é esclarecida a relação que está sendo estabelecida, nesse caso um relacionamento próximo, íntimo e pessoal. Existe uma série de pistas linguísticas

que, do ponto de vista funcional, podem ser interpretadas como estratégias interativas, utilizadas pelo produtor com a finalidade de envolver seu locutor e consolidar o evento comunicativo. Daí as recorrentes perguntas feitas por Joel ao seu filho, que englobam o questionamento sobre o bem-estar do garoto, as recordações dos momentos vividos em conjunto e acontecimentos dentro e fora do presídio, e a utilização de recursos visuais.

É importante também notar que há nas cartas uma alternância de papéis comunicativos – o indivíduo é ora remetente, ora interlocutor –, base de uma interação que permite o diálogo e conseqüentemente a construção de sentido, sem que os participantes percam seus papéis sociais, como o de pai e filho, também afirmados ao longo da interação.

Ainda numa análise acerca da estrutura participativa do gênero carta pessoal, é possível que a interação não ocorra exclusivamente entre um único remetente e um único interlocutor, de modo que, assim como uma carta pode ser escrita a várias mãos pode também estar dirigida a vários remetentes. As cartas escritas por Joel, embora destinadas ao seu filho Nelson, são um mecanismo através do qual ele busca se comunicar com outras pessoas, Dedé, como se refere Joel à mãe de seu filho, torna-se uma importante interlocutora, como na carta escrita por Joel datada de 22 de outubro de 1973, na qual diz:

“Agora, um recado para Dedé,

Eu compreendi bem a sua resposta sobre as cartas dele pra mim. Você tem toda razão: isso não pode, de jeito algum, tornar-se castigo (você sempre psicóloga...). Está certo. O que me preocupava, não era tanto ele não escrever; era mais não saber notícias do comportamento dele (aqueles problemas...). Estas notícias não precisam (e talvez nem possam) ser dadas por ele próprio, mas por você (indireta ou diretamente). Compreendeu, também a minha opinião? Desculpe, Dedé, se demonstrei, nos insistentes apelos, alguma ansiedade. Isto é assim mesmo.

Penso em você, às vezes. Tomara que você se sinta um pouco feliz, com a sua vida (ela nunca é “muito” feliz para ninguém, não acha? Sêneca achava melhor não ter nascido; eu acho que se a desgraça de nascer aconteceu, é melhor fazer todo esforço pela alegria, a particular como a geral).

Do amigo Joel.” (SANTOS, 2000, : 85)

O fato de Joel, pai, carioca, negro, militante e historiador, estar escrevendo para seu

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira

filho de dentro da prisão e o motivo pelo qual foi preso condicionam o rumo da interlocução e o conteúdo que está sendo colocado em pauta pelo remetente. Assim, a realidade na qual locutor e interlocutor estão inseridos determina os rumos não somente do conteúdo a ser tratado nas cartas, mas das vidas dos próprios participantes do evento comunicativo, visto que permite que estes percebam seus papéis, suas capacidades, desenvolvam novas habilidades e novos interesses. É a partir dessa interlocução que Joel dá continuidade ao seu papel de militante, mas também se afirma historiador, pai de um garoto de oito anos e se descobre escritor para um público infantil.

A abordagem a respeito do espaço se torna essencial, uma vez que contextualiza as cartas escritas por Joel Rufino dos Santos e suas memórias e permite a compreensão do cotidiano e do controle sobre as ações dos indivíduos, pensando neste caso a partir da perspectiva do encarceramento. Dessa maneira, é fundamental a apreensão de como o remetente lida com o “novo” lugar no qual está inserido e o que significou essa mudança, permitindo assim, a partir das cartas, compreender as apropriações deste “novo” espaço num processo de reconstituição das identidades. Pensar sobre o lugar significa estabelecer conexões afetivas, subjetivas e objetivas acerca da relação entre o indivíduo e o espaço no passado e no presente.

A incorporação do presídio nas cartas se dá em função deste ser o “novo” espaço ocupado pelo remetente, algo que não ocorreu voluntariamente e, por isso, será determinante na relação que o preso Joel irá estabelecer com o cárcere. Uma vez que o espaço determina a identidade de um indivíduo e vice-versa, é perfeitamente compreensível a tentativa de Joel de modificar a prisão visando à aproximação com seu mundo e à afirmação de sua identidade, embora esta tenha passado a incorporar novas características. Joel não perde de vista em momento algum que está escrevendo para uma criança e que por isso há sempre uma cautela sobre quais lugares e quais memórias irá abordar, e principalmente sobre qual imagem do presídio irá transmitir.

A própria relação que Joel estabelece com sua cela dá indícios de como o espaço e sua

composição estão repletos de significados associados à sua identidade, daí a tentativa do preso de constituir um espaço com referências familiares, para que, mesmo encarcerado, encontre uma maneira de sentir-se perto de sua família e parte de uma sociedade. Apesar disso, este “novo” espaço nunca será igual ao antigo, uma vez que apresenta outra organização física e composição material que não podem ser modificadas pelo preso; ao mesmo tempo em que tenta reconstituir sua identidade, incorpora novas informações a ela.

Além disso, é importante compreender a relação estabelecida entre o espaço – a prisão – e o cotidiano nele, uma vez que ela dá indícios da influência do lugar nas ações dos presos políticos e na configuração de mecanismos de sobrevivência e resistência. O cotidiano nos presídios passa a ser concebido como a expressão de uma fantasia construída pelos presos, que criavam uma espécie de bolha de ficção no meio de uma realidade adversa, mas que não os impedia de sonhar, expor suas histórias e seus desejos. Joel em vários momentos tenta normalizar sua rotina dentro do presídio, estabelecendo um diálogo com o mundo fora dele. O futebol, por exemplo, torna-se fundamental, faz parte do cotidiano, como apontam os seguintes trechos:

“Amanhã é dia de jogar futebol. Nós, aqui, jogamos bola 3 vezes na semana: 3ª feira, 4ª feira e 6ª feira. O nosso campo é no terraço, como você pode ver nesse desenho.

[...]

Por falar em futebol, você tem acompanhado a Seleção do Brasil? Viu o gol do nosso Jairzinho contra a Rússia?” (SANTOS, 2000: 21)

Além disso, um dos aspectos relevantes sobre a constituição desse cotidiano é o de como se estabelecia a comunicação dentro e com o mundo fora do presídio e o que isso significava para a sobrevivência dos encarcerados. Os relatos indicam a constituição de redes de sociabilidade entre os presos, permitindo o contato e a comunicação uns com os outros em determinados momentos, como no preparo das refeições, nas partidas de futebol e na confecção de artesanato. As cartas escritas por Joel Rufino dos Santos permitem também a comunicação do preso com o mundo fora da prisão e apontam outros meios pelos quais

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira conseguiram estabelecer tal contato, tais como rádio, televisão e as visitas.

No entanto, as correspondências eram um mecanismo especial, uma vez que, através delas, os presos conseguiam romper o isolamento imposto pelo cárcere. Consolidavam-se assim como um estímulo para os encarcerados continuarem a luta, e como um mecanismo de sobrevivência, através do qual os indivíduos podiam desenvolver sua imaginação e criatividade.

A trajetória de resistência de Joel Rufino dos Santos

As cartas escritas por Joel Rufino dos Santos, além de apontarem para a consolidação de uma memória – individual e coletiva – sobre o período e dos mecanismos de sobrevivência e resistência, permitem a compreensão do sistema repressivo instituído pela ditadura militar, quem eram os alvos e os motivos pelos quais deveriam ser combatidos.

Analisar o conjunto de cartas escrito por Joel Rufino dos Santos durante o período em que esteve encarcerado significa pensar sobre o papel da intelectualidade neste período e a consequente perseguição ao grupo a ele associado. Significa pensar também sobre o papel da coleção de livros didáticos *História Nova do Brasil*, da qual Joel Rufino foi um dos autores, tendo em vista que foi censurada e decisiva para o encarceramento de seus autores. Pensar sobre a perseguição à intelectualidade significa, então, pensar sobre o discurso dos golpistas e os objetivos que buscavam alcançar para o Brasil.

José Luís Sanfelice, doutor em Educação e professor titular em História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, expõe em seu artigo *O movimento civil-militar de 1964 e os intelectuais* as posições definidas e tomadas pelos golpistas frente às universidades, transparecendo a relação destes com a intelectualidade. O ponto central do discurso era a afirmação da necessidade de defender a nação brasileira diante da influência comunista, daí a existência de políticas reformistas voltadas para as universidades. Determina-se pelos ditadores, como papel principal da universidade, preparar os indivíduos de alto nível cultural, tornando-os capazes de impulsionar o desenvolvimento do país e

formar a consciência democrática das novas gerações.

Joel Rufino dos Santos tornou-se alvo da repressão por ter direta relação direta com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Entre 1959 e 1964, momento de grande radicalização no Brasil, o ISEB passou a se engajar na luta política e social da época e foi por isso que, após o golpe de 31 de março de 1964, junto da UNE, foi uma das primeiras instituições a ser extintas pelo regime. A destruição de sua sede e de todo seu acervo foi acompanhada da censura dos materiais produzidos no instituto e perseguição de seus autores. É nesse quadro que o regime censura a coleção de livros didáticos *História Nova do Brasil*, sobre o qual Joel Rufino dos Santos faz menção em entrevista concedida ao Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas:

“A História Nova é de 1963. Eu estava com 22 para 23 anos. Participava de um grupo liderado pelo Werneck Sodré no Iseb. Éramos jovens assistentes, mas tínhamos um mentor de peso, um mestre. O Rubem Cesar Fernandes [coordenador do Iser/VivaRio] também participava, foi convidado a integrar a equipe do Sodré.

A História Nova era dirigida a professores, não era dirigida diretamente a alunos. Tinha um papel paradidático, dizíamos que era a reforma de base na História. [...] Depois do golpe, com a apreensão da obra, nossa prisão, inquérito, etc., a Editora Brasiliense, de Caio Graco, reeditou alguns volumes da História Nova, que também foram apreendidos, mas isso já em 67.” (SANTOS, 2010: 24)

A censura da coleção *História Nova do Brasil* refletiu um dos mecanismos encontrados pela ditadura civil-militar de combate aos seus inimigos: o Ministério da Educação, agora direcionado a difundir a ideia do golpe enquanto “revolução”, passando a combater os inimigos instituídos pelo AI-1. A censura também refletiu o papel importante dos livros didáticos como objetos de leituras múltiplas, como aponta Joel Rufino dos Santos,

“uma percepção que a sociedade brasileira faz de si, uma concepção irreal, mas que sustenta o ser brasileiro, o fato de alguém se considerar brasileiro. Eu quero dizer com isso uma coisa óbvia: que os manuais didáticos são simples condutores de ideologia. É claro que neles, também, se produz alguma coisa, neles também, se gera alguma coisa que vai realimentar as concepções gerais do Brasil, mas são fundamentalmente transmissoras de ideologias, assim como um museu também é, assim como os discursos dos políticos de centro,

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira
de esquerda, ou de direita, também o são.” (SANTOS, 1987: 99)

Em função de sua complexidade, cada indivíduo percebe esse objeto de uma maneira, tem um olhar único sobre ele, dependendo do lugar que ocupa na sociedade, do momento da vida e do contexto educativo. As diferentes memórias e percepções dos livros didáticos objeto de pesquisa de Antonia Terra de Calazans Fernandes, professora doutora de História da Universidade de São Paulo, e foram abordadas no texto *Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas*. O foco da pesquisa não era, segundo a autora, o livro em si ou seu conteúdo, mas consistia justamente na ampliação da compreensão do papel histórico e social dos livros didáticos.

A resistência de Joel Rufino dos Santos tomou outros rumos no seu retorno do exílio, quando se juntou à Aliança Libertadora Nacional, experiência que resultou em sua prisão e foi assim lembrada:

“Colaborava modestamente com a luta armada, um pouco por ‘imperativo categórico, um pouco por desespero - aquele desespero que Geraldo Moretton chamava de pequeno-burguês -, um pouco por inércia, um pouco porque tinha relações de amizade com ‘facções grandes’ da organização e não queria passar por covarde. Quase nada, como se vê, por convicção. Não me arrependo, como tanta gente. Talvez em nenhum processo de luta revolucionária a racionalidade domine. A razão indicava recuo durante a ditadura, comunistas antigos estavam certos: o nível político das massas e o amadorismo militar da vanguarda eram insuficientes para iniciara luta armada. Por motivos irracionais, difíceis de atinar, alguém *tinha*, contudo, de lutar.” (SANTOS, 2008:74-75)

Pode-se dizer que o imperativo pela resistência fez parte da vida de Joel Rufino dos Santos, que não a deixou sequer no período em que esteve encarcerado. Assim relata na primeira carta escrita ao filho no período do cárcere no Hipódromo:

“Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre

coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas essas coisas. [...]

Eu acho que tenho razão. As aulas que eu dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais – eu acho que são coisas certas. O governo não acha. O juiz é quem vai decidir.” (SANTOS, 2000: 9)

O Movimento Negro

Pensar nas cartas escritas por Joel Rufino dos Santos enquanto memória e resistência à ditadura militar brasileira é pensar também na consolidação da identidade do remetente enquanto negro e seu envolvimento e engajamento nos movimentos negros, que ganhavam força na década de 1970 e se constituíam como um dos agentes da resistência no país.

É importante salientar que os movimentos negros não surgem nesse momento da história brasileira, o surgimento remonta a um passado de negros e negras desde o período da escravidão que consolidaram de inúmeros mecanismos de resistência. No entanto, ocorria na década de 1970 o fortalecimento e crescente organização dos movimentos negros, e concomitantemente surgiam importantes trabalhos que buscavam questionar o mito da democracia racial que pairava no país. Na obra *O negro no mundo dos brancos* de Florestan Fernandes, publicada em 1972, o autor busca investigar, a partir da questão da desigualdade e da discriminação, a premissa da ausência de problemas raciais no Brasil. Segundo o autor, a não existência de conflitos explícitos não deveria ser interpretada através do mito das três raças proposto por Gilberto Freyre na década de 1930, pelo contrário, a própria ausência destes seria reflexo de problemas existentes e não superados em nossa sociedade.

Uma das mais importantes denúncias feitas por Florestan Fernandes é relativa às desigualdades e ao sistema pautado nas diferenças vigentes no Brasil e foi incorporada pelos movimentos negros, visto que o autor busca desmontar um mito nacional e encorajar a população negra a tomar um papel ativo na construção de seu destino. É neste momento que

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira

surge o Movimento Negro Unificado, em 7 de julho de 1978, ao qual Joel Rufino dos Santos aderiu após o cárcere, reafirmando sua militância iniciada no período em que esteve preso pela ditadura militar brasileira.

Segundo Joel Rufino dos Santos, em entrevista concedida ao Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, foi no ambiente da prisão que passou a pensar efetivamente sobre a questão negra e sobre as tensões envolvidas, de maneira que, influenciado por essa, engajou-se em alguns movimentos, como o Instituto de Pesquisas da Cultura Negra e o Movimento Negro Unificado, como aponta o seguinte trecho da entrevista:

“Na prisão, tive uma experiência interessante, que foi de pertencer a um coletivo de presos políticos em que eu era o único negro durante a maior parte do tempo. E vivendo em um presídio onde a maioria esmagadora dos presos comuns era negra. Essa tensão foi me impulsionando, me estimulando a pensar na questão do negro. Nesse momento, o movimento negro estava crescendo, se fosse em outro momento, seria diferente, mas o movimento negro está exatamente tomando pique no começo dos anos 70. [...] Essas experiências com os presos negros foram me estimulando e, como eu disse, o movimento negro estava também no pique. Aí, ao sair da prisão, em 75, comecei a participar de alguns movimentos. Tinha aqui no Rio o IPCN [Instituto de Pesquisas da Cultura Negra], o MNU [Movimento Negro Unificado], que foi fundado em 1978.” (SANTOS, 2010: 28)

A luta dos negros brasileiros passou a se configurar em dois campos distintos, o cultural e o político, que não estiveram dissociados, uma vez que ambos buscavam valorizar o negro dentro da cultura brasileira, abrindo caminho para o estabelecimento de um espaço próprio. A afirmação e o fortalecimento dos movimentos negros se deram em grande medida através de um importante mecanismo de afirmação de uma identidade própria.

Nas cartas escritas por Joel Rufino dos Santos há uma reconstrução da identidade negra, abordada de forma a sensibilizar seu filho, uma criança de oito , para que tomasse consciência de sua existência enquanto negro e brasileiro. A retomada de valores de matrizes africanas – como aqueles relativos à religião – e a recuperação e ressignificação de negros

protagonistas na história brasileira são caminhos encontrados pelo remetente na tentativa de estabelecer referências para sua própria existência enquanto negro agente em sua própria história. No conjunto de cartas, mostra-se fundamental a abordagem feita por Joel Rufino sobre Zumbi dos Palmares, figura central também para os movimentos negros, sejam eles de viés político ou cultural.

Há, pelos movimentos negros, uma preocupação em construir uma identidade afro-brasileira positiva, ativa e orgulhosa, levando-os a procurar na história brasileira personagens que contribuam para a construção dessa imagem, que desconstruam a associação estabelecida entre o negro e a noção de passividade. É a figura de Zumbi dos Palmares que tanto Joel Rufino dos Santos quanto os vários movimentos negros vão conceber como a do grande herói negro que se tornou símbolo da resistência, da luta negra.

Joel Rufino dos Santos constrói a imagem de Zumbi dos Palmares como um importante líder que, pelas atitudes heroicas, permanece vivo no imaginário de negros e negras até a atualidade. A mesma perspectiva é abordada nas publicações feitas pelo Movimento Negro Unificado, como apontam as seguintes passagens das cartas escritas por Joel Rufino dos Santos e das produções textuais que se definem como negras:

“O chefe dos escravos se chamava ZUMBI

Zumbi perguntou o que o governador queria. O governador leu um papel. Perguntando a Zumbi se ele queria fazer as pazes. A guerra acabava; os negros não seriam mais atacados. Em compensação, os negros não roubariam mais escravos.

Zumbi aceitará esta paz? É o que veremos no próximo capítulo!

Mil beijos no Nelson querido,

Joel” (SANTOS, 2000: 45)

Sobre o embate contra o paulista caçador de índios Domingos Jorge Velho, no qual o filho de Zumbi foi morto:

“A cabeça de Ganga Zumba ele (Domingos Jorge Velho) levou espetada num pau.

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira

- Isto é para os escravos verem que Ganga não é imortal. Ra, ra, ra.
E Zumbi? Zumbi não se rendeu. Ele preferiu atirar-se de uma rocha bem alta.
- Prefiro a morte à escravidão! (foram suas últimas palavras)" (SANTOS, 2000: 61)

"Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai, é meu guia
Eu trago quilombolas e vozes bravias dentro de mim
Eu trago os duros punhos cerrados
Cerrados como rochas
Floridos como jardins." (ASSUMPÇÃO, Carlos. Cadernos Negros, n. 9, p. 129.
Apud SOUZA, F. Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 148, In: KOSSLING, 2007.)

Joel Rufino estava inserido num contexto em que as resistências se configuravam através da tomada de uma consciência negra: nas décadas de 1960 e 1970, ganhavam novas proporções as lutas dos povos africanos contra suas metrópoles, a luta contra o *apartheid* racial na África do Sul e a luta dos negros norte-americanos pelos direitos civis. Surgem também expressões, como *Black is beautiful* (Negro é lindo), que se tornam lemas das lutas raciais compartilhados pelos movimentos de países distintos. É nesse ambiente que, após o cárcere, Joel Rufino dos Santos se junta ao Movimento Negro Unificado, movimento extremamente politizado e com forte influência marxista, fundado em 1978 – em meio ao movimento pela Anistia –, e que tinha propostas bastante ousadas. Dentre elas, destacam-se: a defesa de que os presos comuns negros fossem considerados presos políticos e portanto anistiados – tendo como objetivo provocar a reflexão que associava o envolvimento de negros e pardos em atividades criminosas à falta de oportunidades reais depois de séculos de escravidão –, a organização do movimento visando dar apoio a candidatos em futuras eleições parlamentares, a realização de uma reforma agrária radical, e a defesa da sindicalização dos trabalhadores e da reforma geral do ensino. Além disso, o MNU atuou através de denúncias contra a violência policial e o desemprego e apoiou as lutas das mulheres negras, que sofriam uma dupla criminalização pelo fato de serem negras e mulheres numa sociedade racista e machista.

Dessa maneira, é possível constatar que Joel Rufino dos Santos esteve profundamente ligado às lutas raciais que se consolidavam nas décadas de 1960 e 1970. A busca pela afirmação de uma identidade que transpusesse uma identidade carregada de um passado de negação da tradição africana, escravocrata e que colocava o negro como um instrumento de trabalho se associa à aproximação do historiador com movimentos como o MNU, que carregava em sua origem ligações com partidos e grupos marxistas, como o Partido Comunista Brasileiro, ao qual Joel Rufino foi filiado.

O envolvimento de Joel Rufino dos Santos com as causas e os movimentos negros, ditarão sua militância após o cárcere, que resultou na publicação de uma série de obras, em grande parte dedicadas ao público infanto-juvenil, através das quais busca afirmar a identidade negra e a consciência de ser negro. Pode-se pensar que Joel Rufino dos Santos define sua militância em torno da causa negra após o cárcere, mas, por outro lado, é possível afirmar que os caminhos de sua militância começaram a ser traçados ainda na prisão, nas cartas destinadas ao seu filho Nelson.

Considerações finais

As cartas escritas por Joel Rufino dos Santos ao seu filho Nelson durante seu cárcere no Presídio do Hipódromo se constituem como importantes indícios do momento vivido pelo remetente e por aqueles com quem conviveu, seja indiretamente através das correspondências ou diretamente no cotidiano da prisão.

Pode-se concluir que as correspondências fornecem um material bastante rico para a consolidação de uma memória sobre o regime militar brasileiro. Memória que não é exclusiva de um único indivíduo, mas que se torna coletiva ao registrar os traumas vividos pelo remetente e por tantos outros que sofreram com as perseguições, o exílio, as sessões de tortura e a prisão, instrumentos de repressão instituídos pelo Estado.

As cartas se constituíram como mecanismo fundamental para a manutenção da relação de Joel com seu filho e seus familiares, aproximando-o do mundo fora da prisão e

Cartas para Nelson: resistência e memória da ditadura militar brasileira garantindo assim uma maneira de tornar possível sua sobrevivência e a superação das adversidades impostas pelo cárcere. Dessa forma, Joel Rufino dos Santos encontrou nas cartas um meio para dar continuidade à sua trajetória de resistência, marcada pelo engajamento na produção da coleção de livros didáticos *História Nova do Brasil* e na esquerda armada, junto da Aliança Libertadora Nacional. A resistência surge, por exemplo, na decisão de escrever as cartas, nas interferências feitas no espaço físico da prisão – de maneira a torná-lo o mais familiar possível – e na constituição de redes de sociabilidade com os outros presos, alguns também políticos, algo que permitiu o estabelecimento de contato entre eles e o compartilhamento da vida no cárcere.

Através das correspondências, o remetente afirma suas identidades, tornando possível a compreensão do diálogo estabelecido com as pautas dos movimentos negros na década de 1970. Joel Rufino dos Santos busca nas correspondências construir referenciais para sua afirmação enquanto negro, desconstruindo visões consolidadas que reproduziam as várias formas de racismo e as ambiguidades criadas pela sociedade recém-egressa da escravidão. Tendo em vista que escreve para o filho, se constata que há uma preocupação de Joel em despertar na criança a consciência de sua identidade, repetindo assim os ensinamentos de sua mãe.

A sensibilidade, o carinho, o amor e a saudade contidos nas correspondências apresentam o Joel Rufino dos Santos pai, amante de literatura, saudoso de tempos antigos e consciente de sua identidade, o que dá aos leitores a dimensão de quem era Joel, humanizando assim sua figura. O remetente emerge como um indivíduo comprometido com a resistência, mas também passível de sonhos, medos, saudades e angústias.

Fonte:

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando eu voltei, tive uma surpresa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Referências bibliográficas:

- FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Uma obra didática e suas diferentes versões. *Revista de História*, n. 176, 2017.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.
- GROPPO, Bruno. Las Políticas de la Memoria. *Sociohistórica*, n. 11-12, p. 187-198, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- IBERTIS, Carlota. *As tramas de Mnemosine: a memória nos primórdios da teoria freudiana*. Tese (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.
- NETO, Rosana de Mont'alverne. *Correspondência do cárcere: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros*. Tese (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- SANFELICE, José Luís. O movimento civil-militar de 1964 e os intelectuais. *Caderno Cedes*, vol. 28, n. 76, set./dez. 2008.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Entrevista concedida ao IBASE. *Democracia Viva*, n.44, 2010.
- _____, *Assim foi (se me parece)*. Rio de Janeiro, Rocco: 2008.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A verdade sobre o ISEB*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.